

# A ABORDAGEM INTERACIONISTA PARA A AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA: TRANSFORMANDO A TEORIA NA PRÁTICA DO PROFESSOR/PESQUISADOR

**AMANDA POST DA SILVEIRA**

**RESUMO:** *Este trabalho traz uma reflexão teórica a partir da abordagem interacionista para a aquisição da linguagem. Trataremos aqui da aquisição de segunda língua e de como o conhecimento das teorias em aquisição de L2 podem auxiliar o professor de língua estrangeira a compreender esse processo a fim de desenvolver perspectivas para um ensino mais eficaz.*

## INTRODUÇÃO

Há muitos anos que os pesquisadores têm tentado construir teorias que possam descrever o processo de aquisição de língua materna (L1). É incontestável a importância dessas tentativas de teorização uma vez que a linguagem é ferramenta simbólica comum a todos os seres humanos nas diversas sociedades. Por outro lado, tais modelos teóricos também têm sido tomados como ponto de partida para muitas pesquisas na área de aquisição de segunda língua (L2).

Analisaremos aqui como se dão as pesquisas em abordagens que colocam a interação social como central para a investigação da aquisição da linguagem, enfatizando a teoria interacionista e a aquisição de L2.

## AS PESQUISAS EM AQUISIÇÃO DE L2

Entendemos Aquisição da Linguagem como o ramo da ciência que estuda o processo pelo qual um indivíduo adquire uma língua, abrangendo todos os seus componentes: fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos. São interessantes às teorias da aquisição da linguagem: a aquisição de língua materna (como ou sem desvios), aquisição de segunda língua (em situação formal e informal) e a aquisição da escrita (relação fala/escrita, letramento etc.). Trataremos neste trabalho da aquisição de segunda língua, e para isso, faz-se primeiro necessário conceituá-la.

O termo segunda Língua (L2) refere-se a qualquer língua que é aprendida posteriormente à língua materna (L1), segundo Krashen (1985), porém há controvérsias quanto a definição desse termo pelos teóricos de aquisição da linguagem. Contudo, esse conceito é bastante difundido. O termo “segunda” refere-se, assim, e de modo geral, a qualquer língua estrangeira, mesmo as

que aprendemos por meio de educação “formal”, em sala de aula. Podemos definir a aquisição de L2 como a forma pela qual as pessoas aprendem outras línguas que não a sua L1, dentro ou fora de sala de aula e ASL como o estudo de tal ocorrência. Um dos caminhos mais comuns percorridos pelos pesquisadores em ASL é a coleta e análise de “amostras” que os alunos produzem quando são solicitados a usar a L2 em tarefas de fala ou escrita. Tais “amostras” fornecem aos pesquisadores evidências sobre o que os aprendizes sabem sobre a língua que buscam aprender. Essa amostragem pode ser também mais ou menos controlada, dependendo da tarefa solicitada ao aluno e da abordagem teórica que está sendo utilizada pelo professor/pesquisador.

As abordagens em aquisição que focalizam na interação social buscam descrever e analisar como a habilidade de comunicação em L2 desenvolve-se e de que forma o aprendiz torna-se mais competente em seu uso da L2.

## **A ABORDAGEM INTERACIONISTA**

Segundo Richter (2000), a aquisição da linguagem para a abordagem interacionista é o resultado da interação entre o programa inato do aprendiz e a linguagem produzida na interlocução do aprendiz com um interlocutor que possui domínio da língua. Embora o interacionismo considere a programação inata da linguagem, diferencia-se da teoria inatista principalmente por considerar que é necessário que memória, percepção, pensamento, significação e afetividade estejam imbricados para que a aquisição da linguagem seja possível. A linguagem é, para os pesquisadores interacionistas, umas das manifestações da cognição humana.

A forma pela qual uma criança, por exemplo, adquire a linguagem verbal acontece através de estruturas semânticas subjacentes, e não pela assimilação de estruturas sintáticas de superfície, o que se justifica pelas relações que os objetos concretos mantêm entre si, de acordo com Richter (ibid). O aprendizado semântico de que falamos é dependente da cognição do aprendiz e, a partir dessa abordagem teórica, o desenvolvimento cognitivo da linguagem se dá mais pela complexidade das estruturas sintáticas. Assim, pensamos que há dois fatores sobre o qual o desenvolvimento cognitivo está fundamentado: i) esquemas inatos ou preexistentes (adquiridos e estruturados) de cognição, responsáveis pelo gradativo aumento da capacidade de interpretar e comunicar; ii) os esquemas inatos de aquisição da gramática, que seria o ponto de contato entre interacionismo e inatismo, relacionados ao crescimento da capacidade de perceber, processar e organizar informação.

Devemos observar que do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo o que é ligado à significação sobrepõe-se à forma, e isso deve ser levado em consideração nas práticas de ensino de língua, devendo-se direcionar a instrução das funções das linguagens para suas formas possíveis, segundo o autor, Richter (ibid).

## A PERSPECTIVA INTERACIONISTA EM AQUISIÇÃO DE L2

Encontramos na literatura da área de ensino de L2 constantes referências aos estudos da linguagem e de aprendizagem para a definição de modelos de ensino, de organização de conteúdos e propostas de atividades. Pensamos que as teorias sobre aquisição de L2 também poderiam fundamentar metodologias para o ensino de línguas.

Partindo de Ellis (1997), temos o questionamento de que algumas pesquisas em aquisição de L2 afastaram-se da ligação direta que tinham com o ensino, enquanto outras preservam uma relação mais estreita. No entanto, como o próprio Ellis (ibid.) sublinha, para a prática em sala de aula, ou seja, para os professores, o importante é aproximar a teoria à pesquisa (fazendo com que ela deixe de ser pesquisa com um fim em si mesma) da prática pedagógica, do ensino de línguas. É quase dispensável dizer o quanto o conhecimento técnico pode ser capaz de acrescentar para o fim de construir um conhecimento prático, sem oferecer modelos de “o que” e “como” fazer ao professor. Queremos argumentar aqui que é a formação do professor de línguas que pode desenvolver o senso crítico a respeito desse conhecimento, pois acreditamos que é somente através do conhecimento das várias propostas a respeito de como nós, enquanto humanos, somos capazes de aprender uma língua que o profissional conseguirá traçar novas estratégias de práticas pedagógicas

O professor que alcançar uma perspectiva no processo visando aliar teoria e prática pedagógica poderá inferir que muitas teorias têm partido de um viés que não concebe que a aquisição da linguagem aconteça relacionada a aspectos psicológicos como afeto, auto-estima, a influência de fatores sociais diversos como classe social e expectativas de vida, bem como a inter-relação de todos esses fatores.

Um exemplo é a Teoria Gerativa concebida por Chomsky a partir do final da década de 50, que propõe que a Gramática Universal permite a aquisição da linguagem em abstração, não necessitando, assim, que o aprendiz seja considerado em sua relação com o social, discutindo justamente que não se faz necessário essa interação do aprendiz em um contexto social específico.

E então, também argumenta em favor de uma idade crítica como fator que limitaria a aquisição, o chamado período crítico, que se daria em caráter puramente individual e maturacional, desvinculando o aprendiz de fatores como motivação, input recebido, influência do contexto social, cultural e dos interlocutores com os quais negocia significados na L2.

O que devemos salientar de propostas como a Teoria Gerativa e Gramática Universal e, mesmo sobre as críticas feitas a elas, é a necessidade de ampliação do foco da investigação em aquisição da linguagem de maneira que possamos contemplar fatores de ordem social, cognitiva e afetiva de forma interativa, a fim de que não caiamos na cilada do reducionismo teórico.

A esse respeito, Savignon (1983), discutindo a questão da aprendizagem de L2, argumenta em favor de uma compreensão plural desse processo e agrupa as variáveis constituintes dessa aprendizagem em quatro grupos: i) as variáveis do aprendiz, tais como: sexo, idade, nível de escolarização, competência em outras línguas, nível cognitivo, necessidades, atitudes e personalidade; ii) a competência comunicativa, que é constituída por quatro elementos: competências gramatical, sociolingüística, discursiva e estratégica; iii) os contextos ou situações de aprendizado de L2, que compreende o nível de formalidade em que se dá o processo de instrução, a quantidade de tempo que o aprendiz realiza o estudo da língua, modelos e tipo de acesso à L2; iv) as estratégias e processos que permeiam o processo de aprendizagem, tais como a interação com a L2, estilos de aprendizagem, processos cognitivos e abordagens para o ensino e aprendizagem.

Como exemplo da teorização de Savignon (1983), podemos imaginar um contexto de sala de aula onde pretendamos aplicá-lo para observar a aquisição da compreensão contextual audiovisual dos alunos, fazendo-o de forma controlada e ao mesmo tempo didática. Relacionaremos os fatores que envolvem a aquisição de uma segunda língua, conforme demonstrado a seguir:

- i) estudantes universitários, na faixa etária de 20 a 25 anos, aprendizes de inglês como segunda língua, grupo composto tanto por informantes masculinos quanto femininos, que tenham necessidade da competência para a leitura, embora não estejam motivados por, se tratar de uma língua que, para todos do grupo, não é muito apreciada (é uma necessidade acadêmica);
- ii) os aprendizes encontram-se em nível intermediário com relação às quatro habilidades (ler, escrever, falar e ouvir), estão circundados pelo mesmo ambiente lingüístico, o meio acadêmico e a partir dele compartilham estratégias discursivas que lhes são comuns;
- iii) os contextos ou situações de aprendizado de L2: todos estão expostos a uma média de três horas semanais de aulas ministradas em torno de 75% em língua inglesa, com textos 100% nessa L2;
- iv) os informantes não têm contato com a língua em outro contexto que não o curso de línguas e também afirmam não dispor de muito tempo livre para realizar um estudo da língua fora dessas horas semanais; as aulas são ministradas basicamente em inglês e os alunos são requisitados a usarem a L2 em contextos diversos e exercitar a capacidade interpretativa na L2

Uma sugestão dentro da perspectiva interacionista poderia ser a exibição de um filme acompanhado de um questionário que auxiliasse os alunos a interpretar a história que se desdobra por meio, por exemplo, da identificação dos participantes da interação, a situação/problema, as atividades realizadas em busca da solução e o resultado final. Isso lhes auxiliaria a tratar estratégias semelhantes na interpretação de textos.

Os exercícios de língua, a partir do filme – que é um contexto rico, tanto quanto a situação e a cultura da língua inglesa – podem ser elaborados tanto direcionados à pronúncia, expressões de linguagem cotidiana, até tópicos de gramáti-

ca. Ou ainda, a partir de um texto que apresente um assunto atual e de interesse de todos, como “intercâmbio acadêmico”, e elaborar exercícios de leitura que auxiliem os alunos a interpretar o texto a partir de estruturas maiores (como figuras, títulos e *lead*) até chegar a componentes da gramática da L2 (como marcadores discursivos, tempo verbal e a voz em que foi escrito o texto) que sejam relevantes para a interpretação de seu gênero e sua intenção enquanto discurso. Poderia, para finalizar a tarefa, ser feita a proposta de um debate no grupo sobre o filme ou o texto, onde os alunos poderiam escrever em inglês um pequeno comentário a partir de sua interpretação que seria passado/sorteadado a um outro colega que o leria e direcionaria a sua crítica ou apoio.

Tanto a habilidade interpretativa almejada quanto a interação, que é notadamente pertinente a comunicação na L2 seriam contempladas. Assim, fica-nos claro, a partir da reflexão teórica trazida por esse trabalho, a necessidade para colaborar com a reflexão de professores sobre um fenômeno com o qual se deparam cotidianamente e para o qual diversas explicações teóricas são oferecidas, a partir de uma ponte com o *framework* proposto por Savignon (ibid.), por exemplo.

Acreditamos que respostas imediatas sobre como proceder para ensinar com mais eficácia não são possíveis, mas pode ser mais metodologias podem ser desenvolvidas se envolvermos as teorias de aquisição da linguagem na prática pedagógica, transformando-nos em professores/pesquisadores. Assim, tais teorias podem vir a contribuir para a fundamentação de uma prática informada, sustentando tomadas de decisão, propostas de ensino e, principalmente um olhar menos ingênuo sobre o processo de aprender L2 em contextos sociais diversos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme indicamos na introdução, este trabalho pretendeu apresentar uma abordagem interacionista para a investigação do processo de aquisição de L2. Apesar de o escopo deste trabalho ser limitado, parece que as teorias, abordagens e as críticas feitas a elas apontam para a necessidade de se construir um esquema de investigação que contemple aspectos cognitivos, afetivos e sociais em conjunto, pois, afinal, a investigação do processo de aquisição de L2 passa, necessariamente, pelo aprendiz, com sua identidade, suas estratégias, expectativas etc., e pelo contexto social, com negociações de poder, expectativas culturais etc., na tentativa de usar uma L2 para negociar significados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, I. C. R. M. **Aquisição de segunda língua de uma perspectiva lingüística a uma perspectiva social**. UFRJ, 2008.
- CHOMSKY, Noan. Review of B. F. Skinner, *Verbal Behavior*. **Language** 35, 1959, 26-58.

DEL RÉ, A. *A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática*. In: DEL RÉ, Alessandra. **A aquisição da linguagem: uma abordagem psicolingüística**. São Paulo: Contexto, 2006. pp.13-44

ELLIS, R. **SLA Research and Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

KRASHEN, S. **The input hypothesis: issues and implications**. Harlow: Longman, 1985.

RICHTER, M. G. **Ensino de Português e Interatividade**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2000.

SAVIGNON, S. **Communicative Competence: theory and classroom practice**. U. S. A. : Addison-Wesley, 1983.